

BARBÁRIE, TERRORISMO E PARANÓIA

Roosevelt Cassorla¹

A Barbárie atual é Civilizada, no sentido que utiliza a Ciência e a Tecnologia em forma racional, atingindo alvos e eliminando populações, sem contato humano com a vítima. A gestão dos massacres é burocrática, planificada, racional, eficaz e existe uma ideologia legitimadora do tipo moderno, biológica, higiênica ou científica (Löwy, 2001). O paradigma é o genocídio nazista. Desse tipo foram os campos de concentração e também os "gulags" stalinistas e o ataque atômico contra Hiroshima e Nagasaki. Mais recente é o que as potências hegemônicas fizeram no Vietnã, Afeganistão e Iraque, envolvendo tecnologia de ponta e planejamento em função de pretextos aparentemente racionais. Nestas últimas situações, no entanto, o outro lado se defende chamando os inimigos para guerras no estilo tribal, com forte envolvimento emocional e pouca sofisticação técnica, com atentados, sabotagens, seqüestros, assemelhando o Barbarismo Tradicional. O 11 de setembro e o terrorismo atual envolvem aspectos antigos, ódio intenso, motivações religiosas (que parecia terem perdido espaço com a modernidade), contato corpo a corpo, juntamente com tecnologia de ponta: bombas, aviões, computadores, planejamento. Dessa forma a Barbárie Civilizada se mistura à Tradicional. A tortura e outras barbáries tornam-se também "Civilizadas", quando passam a ser planejadas racionalmente. Como ocorreu em determinadas situações, em nosso país e nas outras ditaduras latino-americanas. brasileiras. As prisões, os campos de concentração, as instituições totais, serão antecipadas por Kafka em "A colônia penal", de 1914, onde o personagem principal é... uma Máquina de Tortura.

O conceito de Barbárie pode ser ampliado para o que ocorre com populações sujeitas à violência social, atacadas em sua capacidade de pensar e viver. Isso pode ser proposital, como no massacre dos indígenas americanos, no tráfico negreiro, no genocídio armênio na Turquia, no Cambodja de Pol Pot, entre os tutsis de Ruanda, na Bósnia, na Revolução Cultural chinesa. Ou sutilmente,

¹ Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; Professor Titular pela Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP; Colaborador do CEFAS

como em nosso meio, ao alimentar-se um sofisticado sistema ideológico, permeado de burocracia, que mata os direitos humanos, a cidadania, preservando o domínio de poucos. Estes, por sua vez, serão retaliados. Exemplos menos sutis são fáceis de encontrar, e os últimos massacres nas prisões brasileiras somente nos surpreendem por não terem ocorrido antes. Os terríveis noticiários logo são esquecidos e tudo volta ao "normal", já que faz parte da ideologia majoritária que "bandido bom é bandido morto".

O planejamento racional da Barbárie necessita, num primeiro momento, conquistar corações e mentes. Aqueles não conquistados serão incluídos entre os Inimigos. O auto-denominado Bom e Justo luta pela Verdade, e a Verdade é Única. "Nós contra eles". Os Inimigos são Maus porque não aceitam a Verdade e desejam destruir o Justo. O Bom se sente um Iluminado e está certo que quem o rotula como Paranóico é o Mau que o inveja. O Bárbaro vive como Schreber (1905) (Freud, 1911; Canetti, 1960), em estreita ligação com a Divindade. Deus (representante da religião, da ideologia, da raça, do partido) é escolhido pelo Iluminado para dirigi-lo – se for necessário Deus será substituído, pois o Iluminado é mais poderoso que Deus. Schreber e os Iluminados se vêem donos do espaço e do tempo infinitos, das mentes, dos planetas e do universo e seu destino é expandir esse poder, cada vez mais. Essa expansão é também uma forma de combater os Inimigos, aqueles que não aceitam o poder e a Iluminação dos Justos. Os Inimigos desejam tomar o poder e por isso há que lutar e ampliar as conquistas. O Bárbaro sofre de uma voracidade e ambição incomensurável e as racionaliza como formas de combater o Inimigo..

Ainda que poderosos Schreber, Stalin, Hitler e outros que se consideram Justos, vivem ameaçados pelos Maus. Ou melhor, quanto mais poderosos, maior a quantidade e poder dos Maus. Para defender-se criam imensos sistemas de espionagem e contra-espionagem. Seu objetivo é identificar os Maus e eliminá-los. Um dos maiores perigos é o desejo dos Maus se infiltrarem entre os Iluminados, corrompendo-os. Por isso, os companheiros devem ser também espionados pois são traidores em potencial. Nessas situações a Barbárie atinge o próprio grupo. Ao mesmo tempo, as Massas (já que os Iluminados são poucos) devem ser seduzidas ou, se isso falhar, amedrontadas. Muitas vezes há que manter a Massa aterrorizada até que ela se dê conta do poder dos Justos. Uma das mais potentes

formas de terror é manter as pessoas sob risco de tortura e morte. E, se elas não se assustam com isso, seus familiares e pessoas queridas serão vitimizadas. Há que aproveitar-se do amor individualizado, uma pieguice que os fracos mantêm. O amor do Justo é a Causa e não pessoas.

Para Schreber a alma humana está contida nos nervos. Deus é somente nervos, similar à alma humana, mas infinitamente mais poderoso, porque seus nervos são ilimitados e eternos. Os nervos (alma) dos vivos atraem Deus e este corre o risco de não poder desprender-se daqueles, ameaçado em sua própria existência – por isso, Deus está sempre em guarda contra os vivos, paranoicamente atado a eles. Na verdade Deus somente tem acesso aos mortos, almas e nervos. Retirando os nervos do corpo os desperta para uma vida celestial, onde se constituem em céu, após um complicado processo de purificação. Todas as almas se fundem entre si e passam a fazer parte de Deus. Quando as almas o atacam, Schreber as devora e elas passam a fazer parte dele mesmo. O poder de Schreber, assim como o poder político dos líderes bárbaros, civilizados ou não, “se nutre da massa e (...) é composto por ela” (Canetti, 1960).

Podemos efetuar algumas analogias entre o funcionamento mental de Schreber e os seres humanos sujeitos ou agentes da barbárie. Como vimos, por mais poderoso que Deus seja não é conveniente que ele se misture aos vivos. Quando a paranóia se desenvolve entre os humanos, também se proíbe o contato com o estranho ameaçador, que será o diferente em aparência, cor, religião, costumes, idéias. Já o contato com os mortos não é problema. Assim, aos inimigos que não se matam, há que eliminar sua capacidade de pensar, para juntá-los estupidificados, num amálgama de seguidores que estarão no céu (a Causa). Todas as ideologias totalitárias e as religiões universais lutam por estender-se, manter domínio sobre tudo, e após a purificação das mentes e corpos, estes se juntarão a Deus, não mais se diferenciando dele. O nazista ou outro fundamentalista se sente fazendo parte de Deus, é Deus, superior a tudo, ampliando Seu poder infinitamente. Sente-se exaltado, fazendo parte do universo, privilegiado por ter tido a sorte de ser escolhido. Não tem mais necessidades – se as tivesse elas seriam supridas pela massa divina da qual faz parte. Mas, há que ficar sempre alerta, buscando inimigos reais ou em potencial. Estes devem ser conquistados para a bem-aventurança, purificados. Se forem ingratos, haverá que

re-educá-los, torturá-los, num inferno que pode ser eterno, na vida e no pós-morte.

Geralmente pode-se combater os Bárbaros, fazendo com que eles também sintam o medo da morte. Mas isso não ocorre quando o terrorista não só não teme morrer, como deseja a morte. Estamos frente aos terroristas suicidas, que ao matar-se matam seus Inimigos. Essa mudança de referencial torna suas vítimas totalmente impotentes e o Justo, representante de Deus, agora é Todo Poderoso para além da própria morte - não somente em fantasia, mas também na realidade. A indiscriminação entre o Reino de Deus no Céu e na Terra faz com que seja indiferente para o Bárbaro viver aqui como lá. Talvez até seja melhor lá, onde será tratado como Herói. De qualquer forma, todos serão Heróis após a morte, e fundidos a Deus, viverão eternamente.

A purificação envolve rituais, e prefere-se o fogo, as fogueiras inquisitoriais, as câmaras de gás, as armas de fogo, os incêndios, as bombas atômicas ou não, as destruições de cidades e colheitas, que implicam num aniquilamento do inimigo e liberação de sua alma. Mesmo num mundo materialista, há que cuidar-se para que essa alma não persista na lembrança. O fogo é bom para isso, melhor que as valas comuns que se descobertas podem transformar-se em local de peregrinação. Porque o homem, por sua natureza, também sente culpas, se lamenta e pode identificar-se com o morto. Portanto, há que eliminar corpos e lembranças sem deixar rastro. A tecnologia avança e podemos, rapidamente, fazer desaparecer milhões de pessoas, arquivos, a própria História. Ou melhor, purificá-los.

Mas, um paradoxo: há que noticiar a eliminação de Maus para aterrorizá-los. O terror deve atingir também a Massa indiferente, porque não existem inocentes. Dessa forma a eliminação secreta pode não ser a melhor. Tudo deve ser público, televisionado, a queda do World Trade, o morticínio de crianças na escola de Beslan, as explosões no metrô, os caminhões atropelando inocentes, as bombas iluminadas devastando Bagdá, as decapitações televisionadas. A purificação se faz através do exemplo. Portanto, o dilema é como eliminar o inimigo sem deixar rastro e ao mesmo tempo, como mostrar sua eliminação para que ela sirva de exemplo. Essa situação é complicada – por isso há que matar testemunhas suspeitas e nunca cessar a propaganda que estupidifica as massas

ou as mantêm aterrorizadas. Errar por excesso é melhor que errar por falta, e a Causa é superior à vida de uma, algumas ou muitas pessoas injustiçadas. Muitos fuzilados por Stalin o homenageavam antes de morrer, impregnados pela Causa, compreendendo e desculpando o erro “involuntário” do Líder.

A conspiração contra Schreber tinha como objetivo mais importante a destruição do seu intelecto. Queriam transformá-lo num imbecil, enlouquecê-lo. Era atingido por inúmeros raios, provindos de seu inimigo Flechsig, e depois pelas “almas provadas”, aquelas que ainda não haviam completado seu processo de purificação. Schreber ouvia milhões de vozes, de nomes, de almas, que impunham sua fala, ao mesmo tempo, e independentes uma da outra, fazendo um barulho desesperador. Cada vez mais almas o atacavam, algumas vezes aparecendo como “homenzinhos” milimétricos que gotejavam sobre sua cabeça. Vinham de milhares de estrelas e constelações, de quem dependiam. Seus nervos atraíam cada vez mais almas com uma força incomensurável. Schreber reage, não se deixa dominar. Como resultado de uma luta terrível, assume o controle das almas, tornando-se o centro do universo, a maior massa imaginável. Torna-se um Líder, Deus, cercado de massas monumentais, que ele atraiu e se agitam em torno dele. Mas, não satisfeito, Schreber as devora, as incorpora, passam a fazer parte de seu próprio corpo e desaparecem. Schreber como os ditadores e Iluminados agora se orgulha de seu poder, incomensurável, infinito, e o utilizará sem cessar. E, a descrição acima, de ataques destrutivos à mente, se assemelha a guerras, bombardeios, lutas pelo poder, barbarismo.

As fantasias de fim de mundo de Schreber decorrem do fato de que as almas, ao serem atraídas, colocam em perigo as estrelas de onde provêm, que podem dissolver-se. Schreber será o único sobrevivente num campo cheio de cadáveres – esta seria a tendência de todo ditador, ser o último a permanecer com vida.

Penso que na Paranóia se luta desesperadamente contra a realidade da Finitude. A Morte é o Inimigo primário. Há que criar um sistema onde o paranóico a controla, e sendo dono da Morte a projeta no Inimigo. Para isso cria sistemas racionais que justifiquem sua violência mortífera, que ele crê ser sempre defensiva. A finitude será substituída pela conquista do poder Infinito. Como o Inimigo é bárbaro, há que ser mais bárbaro que ele. Por isso tudo se justifica.

Como psicanalistas conhecemos teorias potentes em relação a esses fatos que nos são úteis apenas quando um paciente nos procura. O Bárbaro, o Justo, não tem interesse pela psicanálise, a não ser como Inimiga. Em relação à Barbárie como fenômeno envolvendo multidões, nossa psicanálise não é potente, ainda que possamos compreender bastante, desde que nos juntemos a outras disciplinas (por ex., Nosek, 2004). Talvez nosso desafio seja articular esses conhecimentos com a Política, no sentido de organização da convivência na Pólis. Seria essa área de psicanalistas ? De cidadãos, com certeza. Considero este texto apenas como um estímulo inicial para o debate dessas e outras Questões.

Referências

- CANETTI, E. (1960). *Massa e poder*. S. Paulo: Melhoramentos-Editora UNB, 1983.
- FREUD, S. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides). *E.S.B.* vol. XII 15-108; Rio: Imago, 1969.
- LÖWY, M. (2001). Barbárie e modernidade no século XX. *Antroposmoderno Revista de Ciências Humanas (www.antroposmoderno.com)*
- NOSEK, L. (2004). Destruição da cultura, destruição de significados e representações. *Ciência e Cultura* 56(4):36-39.
- SCHREBER, D.P. (1905). *Memórias de um doente dos nervos*. Rio: Graal, 1984.